

Funaro recusa volta à recessão

Dinda Gct

sexta-feira, 10/1/86 □ 1º caderno □ 15

para atender bancos

Roberto Garcia

Correspondente

Washington — “Que mais querem eles? Quebrar o Brasil?”, perguntou ontem o ministro da Fazenda, Dilon Funaro, em Washington, ao saber das exigências de ainda maior austeridade na política econômica do país, feita pelos membros da comissão coordenadora dos credores internacionais do Brasil. Funaro acrescentou: “Não podemos voltar à política de recessão, nem aumentar a carga tributária. Esse tipo de exigência não faz sentido, é irresponsável. Os banqueiros que dizem isso não entendem o Brasil. Deviam estudar melhor nossa situação.”

Ao saber das previsões pessimistas dos bancos estrangeiros, o ministro da Fazenda afirmou que a inflação não vai explodir. “Estamos atentos e não vamos deixar que isso aconteça”. Ele explicou que a seca prolongada estava provocando aumentos substanciais nos preços agrícolas, que deverão representar de 10% a 15% na inflação do ano. Com a chegada das chuvas, afirmou, a situação voltará ao normal. Para demonstrar que o surto inflacionário resultará da seca, lembrou que os preços dos produtos industriais subiram menos que a inflação.

Funaro também afirmou que as medidas para promover a modernização do parque indus-

trial, a volta dos investimentos e a preparação do país para continuar aumentando suas exportações não serão interrompidas.

Funaro passou quase todo o dia reunido com a equipe da embaixada brasileira na Capital americana, antes de se encontrar com o presidente do banco central americano, Paul Volcker, e com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière.

Funaro obteve de Volcker informações globais para melhor orientar a política econômica brasileira, principalmente sobre o comportamento das taxas de juros nos Estados Unidos e o impacto do orçamento americano no comércio mundial.

O encontro com Larosière está dentro da política de manter um relacionamento cordial com o Fundo Monetário. “Nós mandamos os pormenores do pacote econômico de fim de ano por telex. Como não tem havido missões do FMI ao Brasil, combinamos uma conversa aqui em Washington a respeito dos planos do Brasil, de como eles se encaixam no clima econômico internacional”, explicou Funaro. Ele reafirmou que sua visita não era o sinal de qualquer mudança de atitude em relação àquela instituição internacional e que o governo continua achando que “não nos convém um acordo com o FMI”.